

CAROLINE BARROS AMARAL

A CASTRAÇÃO TEM CONTORNOS DE MULHER:  
A FEMINILIDADE ENQUANTO CONDIÇÃO DA FALTA

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em  
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica  
Orientadora: Renata Udler Cromberg

COGEAE - PUC/SP

2019

## Índice

1. Introdução
- 1.2 Objetivo
- 1.3 Metodologia
2. Os caminhos de Freud
- 2.1. As teorias da sexualidade: a construção de um pensamento
- 2.2. A mulher colocada em questão
3. Conclusão
4. Referências bibliográficas

Num certo sentido, todos os homens começaram por ser uma mulher. A mulher grávida não difere do seu filho senão já tarde. E o filho apenas muito depois se apercebe de algum desajuste entre o seu corpo e o corpo que o circunda.

Num certo sentido, elas são verdadeiramente o único género que existe, porque os homens são mulheres que desempenham um papel específico que a estratégia das próprias mulheres inventou.

*A desumanização, Valter Hugo Mãe.*

## 1. Introdução

A psicanálise nasce da escuta de mulheres, históricas. Foi no discurso endereçado e oferecido ao outro que Freud reconheceu a instância latente dos conflitos e sofrimentos do ente moderno. Tal qual apresenta Duba (2012) “Escutá-las [as históricas] foi dar voz ao enigma que se pôde enunciar para além de seu espetáculo grotesco. Escutar as histerias, mulheres históricas, assim foi fundado na cultura o inconsciente” (Duba, 2012, p. 57). Ademais, a feminilidade é tratada por Freud como um enigma, instaurando-se a irresolução do que na psicanálise entende-se mulher. Ao mesmo tempo que a escuta do inconsciente foi fundada sob a égide do discurso histórico mulhêr, a condição ontológica da mulher é posta como velada, entendida sob uma perspectiva de não-homem. Para sustentar ou questionar essa posição faz-se necessário revisitar a questão do desenvolvimento da sexualidade proposta por Freud em seus pioneiros e inaugurantes “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”.

Nesse compilado de textos, o pai da psicanálise rompe com o pensamento tradicional vigente ao afirmar que crianças possuem sexualidade e a exercem; assim como a aproximação entre a sexualidade infantil e a sexualidade perverso polimorfa. No que se refere ao ensaio “A sexualidade infantil”, apresenta a constituição de um corpo erógeno a partir de uma experiência de satisfação, a primeira mamada mitológica, sob a qual decorre a organização da libido.

O fantasiar infantil é o fruto da sedução materna no trato das excitações endógenas de seus filhos; o corpo é vivido pelo infante de maneira fragmentada, característica de uma sexualidade parcial, sob a valia do falo. Interessante apontar como nesse momento a alteridade já emerge enquanto uma questão da constituição do outro e, conforme Sigmund Freud se adentrava nos mistérios do funcionamento da nossa sexualidade, esse papel se refinava e apresentava-se a diferença entre a função materna e a função paterna: a primeira

se certifica do filho enquanto objeto de desejo, que ocupe lugar de falo, enquanto a segunda opera a função de corte, de imposição de condições, de colocar à prova a dívida simbólica.

De maneira incipiente apresenta-se o complexo de castração e a inveja do pênis, enquanto um componente da pesquisa sexual infantil. Acompanhada do enigma da esfinge, “de onde vêm os bebês?” endereçado à diferença sexual e conforme se avançam as pesquisas freudianas, se endereça à falta constitutiva e a condição de seres castrados. Nos textos “O ego e o id” (1923), “A organização genital infantil (1923) e “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), a importância dessa triangulação é apresentada em termos de estruturação psíquica, sendo necessário a alienação no desejo dos pais e a interdição, para a constituição do desejo e da cultura.

A temática que permeia esse complexo - o amor, a rivalidade - permeia a teoria analítica desde seus primórdios quando Freud versava sobre a teoria da sedução, devidamente abandonada em prol da teoria das fantasias; no entanto, a sedução e a fantasia incestuosa permanecem enquanto conceitos. Compreende-se que a cuidadora, aquela que exerce a função materna, coloca o filho enquanto falo uma vez que ela própria é marcada pelo complexo de Édipo, pela falta e pela insuficiência. O local que a mãe ocupa na primeira infância é tão poderoso e fundamental, tão detentor de toda a satisfação e dons, que se ela não dá abertura a um terceiro, impossibilita-se a sustentação de uma triangulação constituidora do novo sujeito.

As primeiras considerações a respeito da constituição do complexo de Édipo foram teorizadas a partir do modelo do menino, o qual se enamora-se da mãe e rivaliza com o pai. Importante apontar, no entanto, que esse posicionamento é ambivalente, alternando-se entre afetos identificatórios e destrutivos. Essa teorização é apresentada de maneira não simétrica entre o menino e a menina, uma vez que a garota realiza um trabalho duplo. Todos os inaugurantes objetos de amor, para os homens e para as mulheres, são maternos; as meninas devem fazer a travessia de um complexo de Édipo negativo - no qual a mãe, figura do mesmo sexo, ocupa local de amor no desejo da menina enquanto o pai, do sexo oposto, é colocado como rival - para o positivo - semelhante ao complexo dos meninos, no qual enamora-se pelo progenitor do sexo oposto e rivaliza com o progenitor do mesmo sexo - e assim obter sua resolução: a renúncia dos pais enquanto objetos e o lançamento do desejo a alternativas objetais possíveis para suas pulsões. Para Freud, a inelutável falta do pênis a obriga a realizar duas renúncias: a abdicação do gozo clitoridiano em detrimento do gozo vaginal, para além da renúncia da mãe.

Na triangulação mãe, bebê e pai, a função interdição é realizada pelo outro, que põe limites e condições ao gozo, associando-se à fantasia de castração proveniente da realização da diferença entre os sexos. Novamente, as condições e consequências divergem nos meninos e nas meninas, tal qual nos é apontado em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925): se por um lado os meninos temem a castração como uma resposta da função paterna frente às suas investidas sexuais, a menina encara a ausência de um pênis como um dano que necessita de uma reparação.

Neste ponto, a relação entre a filha e sua mãe obtém ímpar importância, uma vez que inicia-se o momento de rivalidade necessário para que se adentre no complexo de castração. A diferença sexual é vivida como ressentimento; sua mãe é a culpada por tê-lo concebido faltosa, ou por não tê-lo amamentado o suficiente. A relação com sua mãe é fadada a perecer. Frente à essas condições, à falta marcada em seu corpo real, o que pode fazer uma mulher?

Ao se deparar com a diferença sexual e sua não-detecção do pênis, ocorre uma importante tarefa psíquica, que diz respeito aos caminhos que a feminilidade pode percorrer. De acordo com Pommier (1985):

(...) esse trauma [da castração] não tem sentido, senão sobre o fundo das “teorias sexuais infantis”, dessas ficções que inventam as condições de um amor sem fim, de uma harmonia sem discórdia. (...) Uma “falta” só adquire significação sobre o fundo de uma presença potencial, a do símbolo fálico, e é nessa medida que uma menina não é considerada como um indivíduo de um sexo “diferente”, mas como castrada (Pommier, 1985, p.17).

Assim, é necessário que a menina realize esse deslizamento de significantes: ela pode igualar o falo ao pênis ou a ausência de pênis à ausência de falo, de maneira que apenas na terceira possibilidade, de distinção entre falo e pênis, que é possível a instauração da fixação da angústia de castração e a saída para uma possibilidade de uma feminilidade plena.

Importante apontar teoricamente a diferença entre falo e o pênis. O falo é o significante que marca a falta da condição ontológica humana, ao mesmo tempo que constrói a ilusão. É o que lhe é demandado pela figura materna, permite a nomeação do desejo. Esta diferença conceitual é resgatada por Lacan ao postular que, sendo o desejo do Outro instaurante do sujeito, a falta precisa ser articulada por um significante: o falo.

Em “A feminilidade” (1933), Freud realiza algumas considerações sobre os fins do complexo de Édipo na menina, que levaria a três desenvolvimentos possíveis: uma inibição sexual ou neurose; complexo de masculinidade ou à feminilidade verdadeira. Esta terceira seria possível quando há a substituição de possuir um pênis por ter um bebê como uma primitiva equivalência simbólica. Há um ornamento fálico de si mesmo, serve-se da montagem de ser objeto de desejo do outro para gozar além.

Nesse sentido também é discutido a maneira como a economia psíquica se apresenta: o fundador do saber sobre o inconsciente aponta, no mesmo texto, como se pensa a feminilidade enquanto passividade e a masculinidade enquanto atividade. Freud rejeita essa disposição ao afirmar a bissexualidade inerente aos seres humanos e citar momentos nos quais as mulheres são ativas: uma mãe é ativa para com seu filho. Por outro lado, descreve a feminilidade enquanto caracterizada por preferência a fins passivos - o que exige atividade daquela a adornar-se desse papel. Nesse sentido, Riviere (1929) apresenta com um caso clínico a noção da feminilidade como mascarada:

A feminilidade, portanto, podia ser assumida e usada como uma máscara, tanto para ocultar a posse da masculinidade, como para evitar represálias esperadas, se fosse apanhada possuindo-a, tal como um ladrão que revisa os bolsos e pede para ser revistado a fim de provar que não furtou os bens roubados. O leitor poderá agora perguntar como defino a feminilidade, ou onde traço a divisória entre a feminilidade genuína e a “máscara”, Minha sugestão é, entretanto, a de que não existe essa diferença: que radical ou superficial, elas são a mesma coisa (Riviere, 1929, p.16-17).

Tendo a falta marcada no corpo, é preciso simbolizar a falta de alguma maneira. Assim, constrói-se novos caminhos, novas histórias histórias, novos ditos. Após a trajetória retratada da mulher e da feminilidade na abstração freudiana, algumas reflexões são motivadas.

Como apresentado previamente, Freud utilizou-se do modelo masculino, o menino, para ficcionar a respeito do desenvolvimento humano e adaptou-o quando se confrontou com a diferença anatômica dos sexos. Green (1991), em “O complexo de castração”, aponta como Freud é marcado pelo menino e não considera as particularidades da menina e da mulher, que são indiretamente referendadas à problemática da castração. Tal posicionamento é questionado por autores contemporâneos, sendo que Green (1991) conceitualiza o complexo de castração como

(...) um conjunto que reúne a *teoria sexual infantil* relativa ao sexo feminino - portanto a diferença dos sexos considerada do ponto de vista anatômico com suas

consequências psíquicas (a mãe como ser castrado, o pai como castrador) (...) (Green, 1991, p. 22. grifos do autor).

Há, ainda hoje, uma grande oposição ao conceito de Freud sobre a fase fálica da menina e sobre o complexo de castração. Tem sido tarefa dos atuais analistas, portanto, revisitar seus trabalhos e ocupar-se da ampliação das possibilidades de existência e de cura para as mulheres, uma vez que o desbravador da psicanálise, em suas limitações, propôs uma estreita faixa de cura.

A falta é a ferida intrínseca dos viventes humanos e desejosos, e a castração a construção pela qual tenta-se dizê-la. Faltam palavras, mas nisso germina sua necessidade de dizê-la. E a necessidade de dizer a mulher, como escreve André (1998), uma vez que:

(...) de Freud a Lacan, a psicanálise chegou a designar na feminilidade a figura maior, e sem dúvida original, desse “não-todo” e, na teoria da castração, a resposta que o inconsciente elabora em face do impossível de dizer que o sexo feminino encarna” (André, 1998, p. 10).

## 1. 2. Objetivo

Tem-se por problemática motriz a compreensão da castração pela voz e condição da feminilidade. Diante disso, o presente projeto tem por objetivo fundamentar uma pesquisa metapsicológica questionando a relação entre castração e o feminino proposta por Freud.

De maneira a atingir o objetivo proposto, apresenta-se por objetivos específicos a) realizar o levantamento bibliográfico da literatura clássica e contemporânea pertinente aos conceitos b) cotejar o conceito de castração na obra freudiana e textos sobre o feminino na obra freudiana sob a luz da bibliografia selecionada de comentadores;

Como descrito a priori no presente projeto, compreende-se como germinou-se no trabalho freudiano a concepção do feminino como um representante do não-todo, da castração e da impossibilidade de nomear o que o sexo feminino encarna. Kehl (2008) descreve como a feminilidade, assim como a masculinidade, só pode ser pensada a partir das identificações que estruturam o ego e pela organização da qual cada indivíduo se vale para o trinômio falo/falta/desejo. A feminilidade se organiza em torno do imaginário, uma vez que se oferece enquanto falo a partir de um lugar de falta. Considerando-se a falta e a castração como fundamentais e fundantes da constituição da humanidade, transcorrer sobre a castração nas mulheres mostra-se um caminho para compreender a questão

ontológica do ser a partir do referencial feminino, ampliando-se o percurso de Freud que tomou como ponto de partida o homem, a atividade, o fálico, a presença. Questionemos, então, o ser que vela-se e desnuda-se de falta: uma mulher.

### 1.3. Método

Esta pesquisa está caracterizada por um delineamento de pesquisa escopo teórico-conceitual, dentro de uma perspectiva de pesquisa *sobre* psicanálise, ou seja, uma pesquisa em que o método psicanalítico não é utilizado como técnica primária de investigação (Campos, 2008; Campos e Coelho Jr., 2010). Seu delineamento constitui-se como uma revisão da literatura freudiana clássica e autores pós-freudianos pertinentes ao problema de pesquisa enunciado.

Esse trabalho terá como procedimento a análise da bibliografia freudiana clássica pertinente aos temas feminilidade e complexo de castração, apoiando-se em comentadores e no estado de arte sobre o objeto.

Utilizando-se dos textos contemporâneos de referência sobre o assunto será realizado um levantamento bibliográfico das obras nas quais Freud trata a questão do complexo de castração e feminilidade, assim como a intersecção dos temas, como forma de recensear tais conceitos no âmbito da teoria psicanalítica. Esse material será resumido, analisado e categorizado por meio de leituras sistemáticas com respectiva interpretação e discussão, seguindo os eixos propostos e por meio da orientação do docente responsável.

Em função dos objetivos delineados do projeto e do levantamento bibliográfico realizado, dois eixos nortearão esse trabalho de pesquisa:

Eixo 1: Sistematização dos eixos gerais da problemática do complexo de castração no feminino na teoria freudiana.

Eixo 2: Caracterização e discussão das implicações ontológicas e culturais desta problemática na teoria psicanalítica.

## 2. Os Caminhos de Freud

A identidade é uma difícil questão para a psicanálise e os psicanalistas: desde o nascedouro do estudo do inconsciente até os estudos mais atuais, impasses a respeito da definição de uma subjetividade, uma ontologia, existem. A vivência do sujeito da análise

não se dá na completude, mas na falta, de forma que se aquele sujeito "sabe" quem é, sem poréns, sem irreconhecimentos, sem furos, não há análise, não há desejo.

A feminilidade e a mulher irrompem nesse enquadre, então, como enigmas para o estudo do inconsciente. A feminilidade, ou a masculinidade, são conceitos incertos, de modo que nos comporta discorrer sobre processos, em detrimento de descrições. Se em um primeiro momento Sigmund Freud considera saber o que é a mulher, com o tempo se exonera desta tarefa. Não podemos dizer o que é a mulher, mas dizer quais os caminhos que ela percorre.

Discorrer e recuperar as posições clássicas a respeito da sexualidade e do complexo de castração, e das grandes quebras teóricas destes e nesses pensamentos se justifica considerando um cenário teórico e histórico dessas produções. De acordo com Alonso (2011), o encadeamento de "tornar-se mulher" - que distancia nossa conceituação da ideia de uma dita "essência feminina" - está localizado em uma imaginário social e um momento histórico. Desta forma, o presente trabalho se propõe a uma apresentação cronológica dos textos clássicos freudianos pertinentes ao tema do feminino e da castração; percorrer o caminhos de Freud e reconstruir em qual momento os contornos foram feitos.

## 2.1 As teorias da sexualidade: A construção de um pensamento

Em sua elaboração teórica que fundou o inconsciente "A Interpretação dos Sonhos" (1900), Freud se ocupou de discorrer e estudar as formações inconscientes e aprofundar-se no psiquismo em sua tópica e economia libidinal. Enamorado do psiquismo, considera-o primeiramente uma estrutura a priori e no decorrer dos anos versa sobre o papel da alteridade nesta constituição. Em "Totem e Tabu" (1913) e "Moisés e o monoteísmo" (1939), por exemplo, discorre sobre a instauração da função paterna na família, na cultura e na religião.

A teorização apresentada nos "Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (1905) possui uma ímpar importância para a história da psicanálise, da ciência e da moral do século XX, sendo descrito por Roudinesco e Plon (1998) como o livro inaugural de uma inédita teoria da sexualidade humana.

Em algumas cartas endereçadas a Fliess podemos visualizar a construção da teoria sobre a sexualidade infantil. Na carta enumerada 75 (1897) investiga a fonte do recalçamento e à relaciona ao investimento nas zonas erógenas parciais - enumeradas neste momento de sua obra à boca, o ânus e à garganta. O recalçamento, base dos processos de moral e vergonha, proporcionaria o desinvestimento destas zonas erógenas

em direção à uma sexualidade genital que inaugura a puberdade. Interessante ressaltar como Freud, além de discorrer a respeito de uma sexualidade infantil, toma sob perspectiva a diferença cronológica do recalque nos meninos e nas meninas, e a eventual consequência que teria no funcionamento psíquico: confessa ter abandonado como explicava a libido enquanto inerentemente masculina e o recalque como feminino, decidindo percorrer o caminho da atividade versus a passividade.

Abandonada a teoria da sedução quando em 1896 desacreditou de sua neurótica (Freud, 1896), ocorre uma radical mudança na compreensão dos relatos das pacientes e da concepção de infância: sendo as lembranças irreais, fantasias, germinariam da presença de desejos sexuais já na infância. Reconsidera-se uma perspectiva sexológica das mazelas humanas em direção à uma abordagem psíquica sobre a sexualidade e o ano de 1905 fica marcado pelo amadurecimento dos saberes psicanalíticos.

A obra é dividida em três partes, sendo elas: I. As aberrações sexuais, II. A sexualidade Infantil e III. As transformações da puberdade. Anterior aos principais textos, nos é apresentado os prefácios acrescentados às edições, objetivando esclarecer termos e expressões e atualizar à obra à *mise en scène* da psicanálise vigente.

No ensaio designado “As aberrações sexuais”, Freud se propõe a rivalizar com a opinião popular da época de que um impulso sexual estaria ausente na infância e que a meta do impulso sexual seria somente e friamente o coito. Para defender sua tese, analisa os chamados “desvios sexuais”: desvios relativos ao objeto do investimento pulsional - inversão, bestialismo, pedofilia e necrofilia - e relativos aos objetivos da satisfação - fixações dos objetos sexuais preliminares, fetichismo, sadismo/masoquismo e supervalorização do objeto. Ou seja, tudo que desviaria de uma sexualidade dita como “normal” ou “instintiva”, tratando sobre desvios relacionados ao objeto sexual e à meta. Revisitar esses termos soa polêmico nos dias atuais, mas Roudinesco e Plon (1998) defendem que o texto possui um duplo caráter. Por um lado, Freud utiliza-se como referencial uma norma em matéria de sexualidade; pelo outro, Freud estende a disposição perverso-polimorfa, ao indivíduo em geral, renegando as definições vigentes do perverso enquanto um degenerado, aproximando-o da humanidade.

Com essa apresentação, Freud objetiva discorrer como os que realizam práticas sexuais ditas perversas não são degenerados moralmente. Os perversos e os neuróticos compartilham os mesmos conteúdos: um fantasia e o outro realiza. O que está em questão é a fixação em uma sexualidade infantil, uma sexualidade que todos perpassam. A criança fora chamada pelo pai da psicanálise de perverso polimorfa uma vez que sua sexualidade está submetida ao funcionamento das pulsões parciais, fixado em zonas erógenas que se

desenvolveram antes da função genital propriamente dita - função essa que só aconteceria após a puberdade. Assim, a perversão adulta estaria relacionada a uma persistência desta sexualidade infantil e bruta.

Ao teorizar a respeito da homossexualidade - ou como nomeia utilizando-se a terminologia da época, a "inversão" - coloca-se em perspectiva a bissexualidade humana. É apresentado como não há, essencialmente, homem e mulher; mesmo em caráter biológico, onde diversas vezes as características sexuais aparecem borradas. Assim, argumenta a favor de uma "predisposição originalmente bissexual, que no curso do desenvolvimento se transforma em monossexualidade, com alguns resíduos do sexo atrofiado" (Freud, 1905, p. 29). E nesta mesma argumentação, afirma como a bissexualidade psíquica pode ser inferida a partir da escuta de invertivos que se dizem "um cérebro de mulher em corpo de homem". Sigmund Freud, então, aponta não existir uma concepção de um "cérebro de mulher" diferente de um "cérebro de homem", e que a tentativa de substituir uma questão psicológica pelo anatômico é injustificada.

Há uma discussão a respeito da relação do chamado "hermafroditismo psíquico" - nome que o autor dá ao caráter bissexual da sexualidade humana. Há uma quantidade de invertidos que se espelham na feminilidade para criar sua existência, mas também há aqueles que conservam sua masculinidade; ainda, há aqueles que buscam homens com traços e características classicamente atribuídas as mulheres, e aqueles cujo interesse se encontra em homens que performam masculinidade. Como diz Freud em posterior em nota de rodapé, acrescentada em 1920:

[O conceito homoerotismo] Solicita uma clara distinção entre dois tipos pelo menos: o do *homoerótico no sujeito*, que se sente e se comporta como mulher, e o *homoerótico no objeto*, que é viril e apenas troca o objeto feminino por um do mesmo sexo (Freud, 1905, p. 36, grifos do autor).

Neste momento pode-se notar como o autor se utiliza de concepções compartilhadas culturalmente pelo senso comum para dizer a respeito do que é feminino e do que é masculino e, neste primeiro momento, ainda não há uma separação entre escolha objetal e escolha identificatória: Freud diz de homens vivendo um compromisso entre um impulso que anseia pelo homem e outro que anseia pela mulher. Também, Freud toma de exemplo apenas a masculinidade ao falar da homossexualidade, o desejo e o destino do homem, padrão este que se repete em sua obra. Apenas após a virada dos anos vinte que estas questões tomam contornos mais específicos, o que justifica o acréscimo da nota acima.

Em outra nota de rodapé, acrescentada em 1915, Freud decide por se opor a decisão de separar os homossexuais das demais pessoas e acrescenta (Freud, 1915):

Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetal independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante a restrição por um lado ou por outro, tanto o tipo normal como o invertido. Na concepção da psicanálise, portanto, também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química (Freud, 1905, p. 34-35).

Nesta nota pode-se entender a partir de qual ótica Freud veio a compreender a escolha objetal, o que interessa em nosso objeto de pesquisa uma vez que a feminilidade teorizada por Freud engloba uma escolha heterossexual, tal como discutiremos mais tarde.

Na mesma nota o autor versa a respeito da pluralidade dos fatores que produzem efeito na construção da sexualidade de um indivíduo. Entre as influências referidas, à presença de dois genitores atribui-se um papel importante, sendo apresentado que a ausência de um pai forte na infância favoreceria a inversão. Uma leitura mais atual dessa colocação faz-se necessária diante das diversas organizações familiares existentes na atualidade. Assim, a interpretação feita pela escola francesa, do pai e da mãe personificados em funções, atualiza tais ditos.

No transcorrer do texto é apresentado um outro tipo de vivência da sexualidade caracterizado como perversão: os chamados desvios relativos à meta sexual normal, a união dos genitais na cópula objetivando a satisfação da tensão sexual. Este tipo de perversão é dividido entre extensões das áreas anatômicas sexuais, que transpassam os limites da falta do copo, tamponando-a com objetos fetiche, e entre permanecimentos nas relações e objetos intermediários ao objetivo sexual. Assim, embora não seja um tema diretamente discutido, pode-se entender como aqui encontra-se um germe do entendimento da perversão na sua relação com a castração e com o limite para o desejo, com a extensão do falo à mãe e o permanecimento em uma sexualidade sem falta.

Ao dissertar a respeito das extensões anatômicas, Freud faz um dos primeiros comentários a respeito da sexualidade feminina, como de costume comparando-a à masculina (Freud, 1905):

A importância do fato da superestimação sexual pode ser mais bem estudada no homem, pois apenas a sua vida amorosa se tornou acessível à

pesquisa; a da mulher ainda está envolvida numa obscuridade impenetrável, em parte devido ao estiolamento causado pela civilização, em parte devido à convencional reserva e insinceridade das mulheres (Freud, 1905, p. 43).

A respeito deste parágrafo, é acrescentado em 1920: “Em casos típicos, constata-se na mulher uma ausência de uma "superestimação sexual" do homem, mas quase nunca ela deixa de mostrá-la em relação ao filho que gerou (Freud, 1905, p.43)”. A partir destas colocações, pode-se entender o local simbólico que a mulher e sua sexualidade ocuparam na obra do pai da psicanálise, local de mistério, incompreensão; impenetrável, em uma escolha instigante de palavras, o fálico não coube nela, ou ela não coube no fálico. Posteriormente, após seus artigos investigativos sobre a sexualidade feminina, o filho aparece como um representante fálico para a mulher, como objeto fetiche, em detrimento do parceiro que escolhera.

O segundo ensaio apresentado ocupa-se da sexualidade infantil, visto que o argumento relatado no ensaio anterior se organizava em torno da tese de que os germens de todas as perversões podem ser encontrados na infância. Neste ensaio nos interessa particularmente o texto destinado à pesquisa sexual infantil, acrescentado em 1915, após os textos “Teoria Sexual das crianças” de 1908 e “Análise de uma fobia de um menino de cinco anos” de 1909.

O instinto de saber aflora nas crianças entre três e cinco anos de idade e não está subordinado somente ao conhecimento dos componentes da sexualidade humana. Freud nos relata como esses interesses de pesquisa tem uma natureza prática, principalmente no que diz respeito à ameaça de suas condições de existência, como a vinda de uma nova criança para a família, a possibilidade de perder o cuidado e o amor dos pais. De acordo com o autor (Freud, 1905):

O primeiro problema de que ela [a criança] se ocupa não é, em conformidade com a história do despertar desse instinto, a questão da diferença entre os sexos, mas sim este enigma: de onde vêm as crianças? (...) A existência de dois sexos é algo que a criança apreende sem maior oposição ou reflexão. Para o menino é natural pressupor que todas as pessoas que conhece têm um genital como o seu, e é impossível conciliar a ausência dele com a ideia que faz dessas outras pessoas (Freud, 1905, p. 103-104).

As primeiras teorizações da infância, ou aquelas pelas quais a psicanálise atribui importância e reconhece sua função constitutiva, são aquelas nas quais as crianças se deparam com enigmas e questões não somente infantis, como humanas. O pequeno Hans,

por exemplo, antes do desenvolvimento de sua fobia por cavalos e outros signos, apresenta um vívido interesse pelo "pipi" e, mais especificamente, sua ausência.

O nascimento de um irmãozinho ou irmãzinha é tão comum no despertar das neuroses que criou-se o termo "complexo fraterno", dos quais derivam uma outra série de questões: de onde vem os bebês, qual é a origem da vida, como que se dá a diferença anatômica, como o pai se coloca nesse cenário, entre outros. As teorias a respeito do nascimento são diversas, e para ele são encontradas muitas soluções: nascem do peito da mãe, ou pelo umbigo, ou pelas fezes, ou são conseqüências de se comer algo específico. O órgão sexual feminino ainda não existe em suas construções imaginárias, assim como o ato sexual, então o nascimento deve ocorrer de outras maneiras.

Interessante observar como o enigma da diferença sexual - o enigma da existência do sexo feminino e da alteridade - é apontado como de uma fácil assimilação e em seguida o autor nos diz ser natural os meninos concluírem que todos possuem o mesmo órgão que o seu, que não lhes falta nada. É necessário fazer essa passagem, assimilar o outro em sua existência particular e distinta, e o caso do pequeno Hans, a ser apresentado no decorrer desta monografia, nos dá uma mostra de como essa indistinção ocupa um papel importante na organização de angústias e sintomas.

Da certeza que o garoto tem que todos os sexos são iguais ao seu decorre o complexo de castração, neste momento da obra de Freud descrito como um conflito interno diante do vislumbre da ausência do pênis na mulher. A reação da menina seria ter inveja do pênis, culminando no desejo de também ser um garoto. Posteriormente, em 1920, acrescenta que o complexo de castração é comum para os meninos e as meninas, a teoria de que a mulher tinha originalmente um pênis que foi perdido com a castração, é dita universal.

Em 1908, anterior ao acréscimo feito no ensaio sobre a sexualidade infantil, Freud publica "Sobre as Teorias Sexuais Infantis", no qual investiga o interesse das crianças pelos problemas do sexo. Para tal, utiliza-se de diversas fontes: a observação direta dos comentários e manifestações dos pequenos, as lembranças que seus pacientes possuem de sua infância e as construções e interpretações feitas de conteúdos inconscientes em análise. Devido a fonte de qual Freud se serve, o que apresenta diz somente do desenvolvimento do sexo masculino. Mas ainda assim o autor defende seu texto, pois entender a configuração dos pensamentos das crianças corrobora para a compreensão de diversos mitos e fábulas e para a compreensão da estruturação da neurose e, acrescentamos, do psiquismo.

A fagulha que parece acender este desejo de investigação não é espontânea, mas surge ao deparar-se com uma ameaça que é a chegada de uma nova criança ao leito familiar. As que não vivem tal situação, observam-na em outras famílias, e se colocam a refletir. A abordagem da rivalidade entre irmãos não é inédita na obra freudiana; mesmo no seu texto inaugural da psicanálise, “A Interpretação dos Sonhos” (1900), ela é descrita com os sonhos com a morte de irmãos, e neste momento nos é apresentada a agressividade que pode ser endereçada ao irmão-rival. A partir da introdução desse novo membro, surge a questão: de onde vêm os bebês?

Essa pergunta não engloba somente o mistério da chegada desse irmão rival, mas os segredos da gravidez, do sexo, da vida. A criança vê o corpo da mãe mudando, arredondando-se enquanto gesta um bebê em seu ventre; se seu pai tem algo a ver com isso, a criança não tem certeza.

Freud (1908) nos diz:

A primeira dessas teorias liga-se à não consideração das diferenças entre os sexos, que destaquei inicialmente como algo característico das crianças. Ela consiste em *atribuir a todas as pessoas, também às do sexo feminino, um pênis*, como o que o menino reconhece no próprio corpo. (...) Quando o menino vê o genital da irmãzinha, o que ele diz mostra que seu preconceito já é forte o suficiente para subjugar a percepção; ele não constata a ausência do membro, e sim afirma, regularmente, como que atenuando e consolando: “Mas ele... ainda é pequeno; quando ela crescer, vai aumentar (Freud, 1908, p. 398-399, grifos do autor).

Este último exemplo é retirado do caso do pequeno Hans, que muito teve a contribuir para a construção do texto de Freud sobre as teorias sexuais infantis. O autor nos diz que o efeito da ameaça de castração é equivalente ao valor atribuído a essa parte do corpo, ou seja, a quanto a criança opera em uma lógica fálica e narcisista e quanto a sociedade também opera e valoriza essa lógica. Uma não compreensão da diferença do órgão da mulher teria efeitos na construção do psiquismo. Freud cita o homem homossexual enquanto “fixado” na ideia da mulher com pênis, a mulher real lhe sendo insuportável, a vagina uma lembrança de uma genitália mutilada.

Sobre os genitais femininos, discorre também que a teoria do sexo universal masculino não é tão equivocada pois coloca o clitóris em uma posição análoga a de um pênis não desenvolvido devido a sua sensibilidade e prazer a tocá-lo. Acrescenta, ainda, a necessidade de um recalque da masturbação clitoridiana, para que “(...) seja removida essa sexualidade masculina e surja a mulher” (Freud, 1908, p.401). “A mulher”, diz Freud, utilizando uma lógica imagética para dizê-la - de que haveria a mulher, um conceito ou

imagem que abarcasse todas as mulheres - e a renúncia do prazer enquanto necessária para a sua constituição. A renúncia de um prazer total e completo é necessária para a construção de qualquer sujeito inserido na cultura, no entanto, neste momento de sua obra Freud caracteriza o masculino justamente pelo exercício do prazer e a mulher pela renúncia da masturbação clitoridiana, órgão feminino cuja finalidade é o prazer.

Em 1909 o caso da criança Hans é descrito por Freud no texto “Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos”. Este caso não fora diretamente analisado pelo autor, mas pelo pai da criança, prática comum naqueles tempos. Podemos iniciar o relato de sua análise a partir de dois fatos: o nascimento da irmã e a diferença sexual da mãe.

Com pouco mais de quatro anos é introduzida uma irmãzinha em sua vida, na mesma época desenvolve uma fobia de cavalos. Instaura-se a pergunta: porque uma criança, que gostava tanto de cavalos, de repente é tomada pelo medo?

O pequeno, com o nascimento de sua irmã, se depara com questões sobre a origem da vida e seu lugar na trama familiar: não é mais o único; frente a isso, está a ameaça de perder o amor materno. Mãe esta que, na mitologia infantil, ocupou um lugar primeiro, primordial; o espanto, pois, do menino, ao ver que meninas, mulheres, não possuíam um pênis tal como ele. Ao ver a irmãzinha tomando banho, ri de seu “faz-pipi”. Pode-se identificar o escárnio em relação à falta de pênis da irmã. O sadismo do “pelo menos não sou eu” na tentativa de mascarar a angústia de que poderia ser ele.

“Mãe, você tem pipi”, questiona o pequeno paciente, ao que sua mãe responde “Claro!”. Este é um momento crucial para a construção de sua fobia e angústia, pois remete à fantasia de castração da mãe e promove uma desautorização da percepção de seu filho. Junto à ameaça de castração é colocada a masturbação infantil, repreendida pelos adultos. A criança se sente ameaçada que caso se masturbe, obtenha prazer, sofrerá a perda real do órgão, a perda da satisfação e a perda do amor da mãe. A construção da fobia e do objeto fóbico seguem tais associações de modo que Hans não suporta a representação do cavalo, da mordida do cavalo e da queda do cavalo, representantes da castração e da falta a qual a angústia tampona.

Interessante fazer alguns apontamentos a respeito do percurso percorrido por Hans e a respeito da construção de seus sonhos, fantasias e sintomas. Preso a uma lógica fálica, parte do pressuposto que todos são iguais a ele. O momento de sua constituição se caracteriza por uma extensão narcísica e o desvelamento da diferença e da falta é vivido como uma ameaça a sua própria integridade. Em um primeiro momento Hans busca tamponar a falta na irmã “Que o pipi dela ainda é muito pequenininho, vai crescer”, como uma tentativa de se reassegurar e proteger sua integridade, seu prazer, seu lugar junto a

mãe. Dentro deste contexto, o cavalo surge como um signo do pai, função paterna castradora que exerce a Lei, atrelando-se a culpa proveniente do complexo de Édipo que estava vivendo. Sua mãe, ao falar que também tem pipi, nega justamente a castração, que somos seres faltantes e, por sermos faltantes, desejantes.

O caminho apresentado até agora é um caminho de homens, de meninos e de seus desejos; as mulheres e as meninas aparecem nos comentários, nas comparações, nos acréscimos. Utilizaremos como exemplo para pensar as teorias sexuais o caso de Aninha - Agathku, filha de Jung e analisada pelo pai - cujas indagações não eram centradas no falo e na sua castração. No artigo "Quando não se pode mais esquecer: C.G. Jung e Sabina Spilrien nos primórdios da psicanálise com crianças" de Gueller e Cromberg (2009) nos é apresentada a análise da filha mais velha de Jung, publicado um ano depois da Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos" (1909). O caso inicia-se com um diálogo entre a menina e a avó (Gueller e Cromberg, 2009):

Aninha pergunta sobre as rugas no rosto da avó, que responde que se devem ao fato de ela ser velha. A menina então pergunta: "Mas você vai voltar a ser jovem, vai voltar a ser criança?" A avó responde que não, que vai ficar mais velha e depois morrer. E a menina pergunta: "E depois?" A avó responde: "Então eu viro anjo..." E a menina responde "E depois disso, vai ser de novo uma criancinha pequenininha?". (...) Aninha já tinha ouvido dizer que as crianças eram anjos que moravam no céu até que um dia uma cegonha os trazia. Ela então pensou que, se quando uma pessoa morria virava anjo (a avó tinha dito isso) e se as crianças eram anjos antes de nascer, o velho que morria depois voltava a ser criança. Ninguém precisava ser eliminado (Gueller e Cromberg, 2009, p.3)

Assim iniciam-se as teorias de sua infância e suas posteriores angústias e fobias. Cria uma teoria da reencarnação que dá conta do morrer e do viver, dribla a questão da sexualidade enlaçando diretamente o nascimento e a morte. Com o nascimento do irmãozinho, no entanto, sua teoria é colocada em questão, uma vez que ninguém precisou morrer. Ao mesmo tempo, questionava-se do seu lugar no desejo parental - a rivalidade com o irmãozinho era manifesta e chegou a dizer que o mataria - e sua posição identificatória - direciona à mãe o questionamento: serei uma mulher diferente de você?

A falta, a incompletude, o desejo surge em suas pesquisas, mas não centradas no falo e na castração. O enigma da diferença sexual também surge, mas decorrente da gravidez e da possibilidade de ter filhos. São feitos outros, possíveis, contornos.

## 2.2. A mulher colocada em questão

Através da vivência do romance familiar e do complexo de Édipo, origina-se o complexo de castração, este centrado na fantasia de castração como uma resposta do enigma da diferença anatômica. Em 1923, no texto “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”, Freud inseriu a angústia de castração como uma parte fundante do desenvolvimento sexual, reconhecendo-a como universal. Para tal, utilizou-se da teorização do estágio fálico, no qual os conteúdos psíquicos da criança se organizam em termos de ausência e de presença do falo e da irrepresentação do sexo feminino. Nesse período do desenvolvimento há dois sexos: o masculino e o castrado.

O texto supracitado inicia com a proposta de uma necessária atualização do seu texto magno a respeito da sexualidade humana, os Três Ensaios Sobre a Teoria (1905). Uma frase específica - a escolha objetal como realizada na infância, sendo que a única diferença de uma escolha objetal adulta seria a presença das pulsões parciais em detrimento de uma organização pautada na genitalidade- causa uma inquietação no autor, que decide por revisitar a questão.

Freud defende uma série de correções na ideia apresentada no texto de 1905 e proclama ser a principal característica da organização sexual infantil não uma primazia dos órgãos genitais, tal a organização sexual adulta, mas uma primazia do falo. À essa colocação Freud anexa o comentário de que só foi possível observar tal funcionamento em crianças do sexo masculino, que os processos correspondentes nas meninas são desconhecidos até aquele momento. E prossegue o autor (Freud, 1923):

O menino, sem dúvida, percebe a distinção entre homens e mulheres, porém, de início, não tem ocasião de vinculá-la a uma diferença nos órgãos genitais dele. Para ele é natural presumir que todos os outros seres vivos, humanos e animais, possuem um órgão genital como o seu próprio; sabemos, é verdade, que ele procura um órgão análogo ao seu também nas coisas inanimadas. Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa. Ele quer vê-la também em outras pessoas, de modo a compará-la com a sua, e comporta-se como se tivesse uma vaga idéia de que esse órgão poderia e deveria ser maior (Freud, 1923, p. 64).

Interessante comentar como o percurso realizado pelo autor permitiu com que chegasse a essa nova forma de entender a infância: a questão de procurar seu órgão em objetos inanimados emerge em observação feita de Hans, que utiliza o pênis para tentar entender o que está vivo e o que é objeto.

O autor também proclama não haver dúvidas que o menino percebe a diferença sexual; no entanto, algo precisa ser feito com isso: Freud diz de crianças que rejeitam a ausência do pênis, encobrem a falta, assim, com o pensamento de que havia um pênis que fora retirado depois. A falta do pênis é entendido como uma castração, o que colocaria em risco sua própria carne. O peso dessa constatação feita pela criança só pode ser entendido no contexto de um complexo de castração engendrado na fase da primazia do falo.

O complexo de castração não se instaura prontamente, mas decorre de um processo. Primeiro, o menino observa que algumas mulheres não tem pênis e, assim, acredita que são apenas algumas pessoas que foram condenadas a viverem faltosas; sua mãe, a quem direciona amor e respeito, certamente ainda o têm. Em um segundo momento, com o desvelamento da questão da origem dos bebês, concluem que ao dar a luz abrem mão de seu pênis. Em toda elucubração, o órgão feminino não é descoberto. E não apenas ele, mas a feminilidade de modo geral: se a fase sádica-anal é organizada pela antítese ativo e passivo, no estágio fálico rege uma masculinidade, mas não uma feminilidade. E conclui o autor:

A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (Freud, 1923, p.65-66).

No estudo do inconsciente, o complexo de castração possui uma ímpar importância: sob essa ameaça se engendra o complexo de Édipo e, portanto, a entrada na cultura e na linguagem, a renúncia do desejo incestuoso em direção a novos, possíveis e completos objetos. Na triangulação mãe, bebê e pai, a função interdição é realizada pelo Outro, que põe limites e condições ao gozo, associando-se à fantasia de castração. A castração é conexa à ameaça, à angústia e ao complexo, tem o lugar de categoria teórica a incluir a separação, a incompletude e a falta. O desejo, o agente do sujeito, só é possível perante a essa ausência: a humanidade, tal qual se configura, o sujeito, tal qual o conhecemos, e a psicanálise, tal como saber não-todo, só é possível mediante à incompletude.

À isso que o perverso se protege no mecanismo de denegação, característico dos fixados na sexualidade pré-genital e autoerótica. *Verleugnung*, termo criado por Freud em 1923 no texto apresentado, caracteriza uma atuação própria do reconhecimento da

diferença sexual, e da falta e de tudo que ela representa, no qual coexistem duas realidades, a recusa e o reconhecimento da ausência do pênis na mulher.

Deparar-se com esta negativa, a negativa de um total prazer ou uma total existência, é insuportável para o sujeito muito fixado ao funcionamento infantil, de modo que utiliza-se do fetichismo e da denegação para tamponar sua angústia. Em “Uma criança é espancada” (1919) ou “Contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (1919), Freud afirma que essa perversidade é algo inerente da estrutura da fantasia, que também age de modo a lidar com a dualidade prazer/desprazer. A perversão atua sob a égide do desmentido, e não sob o recalque. Assim, uma vez que a formação do ideal de eu e das funções superegógicas estão atreladas à ação do recalque e a internalização da Lei e da castração, a perversão performa fora das barragens feitas à satisfação completa da libido.

Em 1924 Freud prossegue com seus questionamentos com o texto nomeado a “Dissolução do complexo de Édipo” (1924). Gestado a partir de uma passagem de “O Ego e o Id” (1923), tem por interesse enfatizar pela primeira vez a diferença entre o curso do desenvolvimento sexual de meninos e meninas. Retoma a importância do complexo de castração na destruição da fase fálica do desenvolvimento.

Nos interessa especialmente a questão na qual a criança se depara com o sexo feminino:

A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado (Freud, 1924, p.103-104).

Essa é uma passagem de ímpar importância pois, considerando-se a trajetória apresentada, na qual Freud só olhara os homens e meninos, o órgão feminino emerge como sendo essencial para a instauração do complexo de castração. Neste ponto, a diferença faz-se maior que a ausência ou presença.

Também é discutido a relação entre masculinidade e feminilidade e passividade e atividade, já abordada pelo autor em seus três ensaios de 1905. O complexo de Édipo oferece aos infantes duas saídas, uma descrita como passiva e outra como ativa: a ativa decorreria de uma identificação com o pai, um local masculino, enquanto uma identificação com a mãe objetivando o amor do pai seria uma posição passiva. Neste contexto, a

masculinidade é entendida “como uma punição resultante e a feminilidade como uma precondição” (Freud, 1924, p.104). É feita uma conta simbólica na qual a única possibilidade do recebimento do amor custa à criança a perda do pênis, e este seria um local de feminilidade. Pois, um entendimento a *posteriori* nos permite dizer que este sentimento de custo não é de todo injustificável, pois há uma perda: uma perda de um local fálico, de completude, de preenchimento do desejo dos pais, local este necessário para um primeiro desenvolvimento, mas que precisa ser abandonado. Se o narcisismo é necessário para a fundação de um sujeito, a morte deste amor a si excessivo é preciso para sua inscrição no desejo, na cultura.

O autor acrescenta também o modo como as identificações operam um importante papel nesta fase do desenvolvimento, uma vez que as catexias de objeto são abandonadas com a realização da renúncia narcísica. Essa é uma importante questão ao falarmos do feminino, uma vez que embora este seja um enigma para a psicanálise e para as mulheres, há uma identificação com figuras femininas e ideais imaginários que caracterizam o ser mulher. Identificar-se com a mãe nesse momento da obra freudiana pode significar uma identificação com um funcionamento passivo, de oferecimento de si como objeto de amor. Porém, se entendermos o componente materno na triangulação edípica como uma função, a função materna de emprestar seu narcisismo na construção de um sujeito por vir, essas questões se complexificam, pois ser mãe não significa ser mulher e ser mulher não significa ser mãe; no entanto, no entendimento de Freud, a mulher e a mãe estão próximas de uma forma muito mais íntima.

Ao tentar descrever a ultrapassagem do complexo de Édipo feita por meninas, o autor confessa entendê-la como obscura e cheia de lacunas. Afirma que as meninas também desenvolvem um complexo de Édipo e um complexo de castração, sob o acréscimo de que a anatomia é o destino, e as meninas estariam destinadas a vivê-los de modos diferentes. Não apenas pelo complexo de castração que sofrem, mas também pelo complexo de masculinidade, ou a inveja do pênis. As garotas não veriam a diferença dos órgãos como uma característica sexual, mas como um signo de que elas mesmas teriam sido completas um dia, mas que o perderam; uma equação muito mais íntima do que a dos meninos, que temem por uma agressão externa.

De acordo com Freud, este é o caminho que as meninas dão ao seus temores (Freud, 1924):

A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza - ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer - do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente - dar-lhe um filho. (Freud, 1924, p. 105).

Freud desenvolve mais esta questão no texto intitulado “Algumas diferenças psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925). Neste artigo é iniciada a questão apontando a presunção de que o entendimento da psicologia das mulheres seria simplesmente análoga aos dos homens. Aponta como tomou a sexualidade feminina no início de sua obra, teorizando sobre o caso Dora, mas que este tópico fora deixado de lado e retomado apenas quinze anos depois com a publicação de um caso clínico de paranóia feminina.

O complexo de Édipo nos meninos pode ser entendido com maior clareza, aponta o autor. Mesmo neles é possível identificar um duplo movimento, um posicionamento passivo e um posicionamento ativo, justificado pela constituição bissexual do aparelho psíquico; os meninos também desejam ocupar o lugar materno de ser objeto de amor do pai.

Há uma unidade no complexo de Édipo feminino e masculino: todos iniciam amando a mãe, tomando-o como objeto primordial. A questão das mulheres então, seria, abandonar este objeto para direcionar seu amor ao pai. A questão da heterossexualidade emerge aqui como um componente importante da constituição do feminino. Freud parece nos dizer: ser mulher também é amar homens; amar homens pois, posteriormente acrescenta, eles são os únicos que podem lhe dar algo que não tem, um bebê .

O autor aponta como a genitália feminina parece ocupar um papel outro no desenvolvimento psíquico, pois a menina é equipada com um órgão que é diferente do menino, mas que sua descoberta também lhe proporciona prazer. Desta forma, podemos entender que há um certo caráter fálico que permeia a existência do clitóris. A garotinha, nesta nova leitura, vê o seu sexo e vê o sexo do seu irmão, notavelmente maior e perceptível. Também é descrito que a menina é acometida pela inveja do pênis, no entanto é acrescentado que não se trata dela não ter nada, mas ter pouco.

Os meninos, neste contexto, podem desenvolver um horror da criatura mutilada ou então um desprezo triunfante. As meninas parecem tomar outros caminhos; o complexo de masculinidade e o desejo fixo de tornar-se semelhante ao homem podem tornar-se um desprezo pela própria categoria mulher, um ciúme direcionado aos homens e meninos, uma inferioridade latente, um afrouxamento da relação mãe e filha. Este último, apresentado

para explicar o trabalho duplo realizado no complexo de Édipo feminino. Culpa-se a mãe: ela a trouxe a este mundo faltosa.

Conclui-se uma importante peça para o entendimento da criação de uma mulher: o complexo de Édipo é introduzido através do complexo de castração, em detrimento dos meninos, cuja saída do complexo de Édipo ocorre através da vivência do medo da perda do pênis.

Os próximos artigos a serem apresentados nesta monografia foram escritos objetivando tratar especificamente sobre o enigma do ser mulher: "Sexualidade feminina", de 1931, e "A feminilidade", de 1933.

A "Sexualidade feminina" inicia-se com a seguinte frase: "Durante a fase do complexo de Édipo normal, encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o do seu próprio sexo é predominantemente hostil" (Freud, 1931, p.138). Há um cuidado para que se diga de um local comum a todos. O autor prossegue afirmando ser fácil explicar como que isso se dá para o menino, e as dúvidas que emergem quando se trata da menina: seu primeiro objeto primordial também fora a mãe e seus cuidados, assim, como se dá o caminho em direção ao pai? Como que se afasta da mãe? E para além de uma troca dos fins de seu afeto, também há uma troca do investimento de suas zonas eróticas - o clitóris para a vagina. Como que ocorre essa passagem?

Podemos identificar uma repetição em como o autor inicia este texto e o texto descrito anteriormente, a respeito da dissolução do complexo fundante: complexo de Édipo masculino é claro para Freud, e esforça-se por entender o feminino. Esse texto tem um objetivo outro, no entanto, de desenvolver e solucionar as pontas soltas da teorização anterior.

O autor inicia sua construção a partir da observação de que muitas mulheres possuem uma forte relação com o pai, sejam elas neuróticas ou não. Relata um caso no qual acompanhara uma mulher particularmente ligada ao pai, cuja análise mostrou como essa ligação fora precedida de uma ligação exclusiva direcionada a mãe. Freud propõe uma ampliação do entendimento do complexo de Édipo, incluindo todas as relações das crianças com ambos seus progenitores: assim, não significa apenas o desejo de deitar-se com mãe e matar o pai, um espelho idêntico da paradigmática tragédia grega, mas todas

os afetos amorosos e destrutivos, as identificações e as diferenciações que caracterizam esse triângulo fundamental.

Da mesma constatação decorre, também, a concepção de que a menina passaria por um duplo trabalho edípico, necessitando a superação de uma primeira relação entre mãe e filha. A bissexualidade feminina é colocada como tendo um papel muito mais definidor do que a bissexualidade masculina, não só pela coreografia de investimento objetal realizada pela libido feminina, mas pelo carácter duplo de sua genitália: enquanto o homem tem o pênis, a mulher nasceu com a vagina e o clítoris - este último apresentado como análogo ao órgão masculino. É o clítoris que permite o encontro da menina com seu sexo, pois dele que se revela o prazer. A respeito da mulher e o clítoris, Freud (1931), afirma:

Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um carácter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem (Freud, 1931, p. 140).

A primeira fase do complexo edípico é entendida como masculina por Freud, e por masculina pode-se entender similar ao homem ou então fálica. A masculinidade é definida pela experiência de prazer ativo, na manipulação de si mesmo com a obtenção de prazer. Essa posição diz pouco da forma como o outro ocupa esse ambiente. A feminilidade, por outro lado, como será apresentado, pressupõe necessariamente algo outro. Ou outra.

Para nomear o estágio de Édipo feminino Freud utiliza o termo “complexo de Electra”, aludindo à peça de Sófocles na qual a personagem homónima assassina indiretamente a mãe. O complexo de Electra é caracterizado pelo reconhecimento de sua condição de castrada, da superioridade do homem e sua inferioridade inerente. Freud nos diz do reconhecimento da castração, aspecto que não aborda ao tratar dos homens. Os rapazes devem realizar uma renúncia da mãe para se lançar a objetos outros possíveis, mas não se diz de um reconhecimento. Re-conhecer alude a constatação de algo, a de sua realidade de castrada. Sabemos que todos os seres humanos são castrados, sendo a incompletude necessária e edificante. Assim, o trabalho do Édipo feminino nos diz de uma condição a respeito do exercício de ser humano e sujeito que o Édipo masculino não alude diretamente.

Interessante apontar como essa questão não é desenvolvida na obra freudiana, o texto segue se ocupando de descrever os caminhos possíveis para os efeitos do complexo

de Electra. O autor nos diz de três linhas possíveis: uma repulsa geral da sexualidade - não só um abandono de sua sexualidade fálica, mas da sexualidade toda -, uma autoafirmação de sua masculinidade ameaçada, e um terceiro caminho apontado como “normal”, no qual toma-se o pai como objeto. Freud diz, ainda, que este complicado percurso a se atravessar tem consequências culturais, afetando a maneira como as mulheres relacionam-se em sociedade e com os produtos da civilização.

A relação entre mãe e filha ocupa grande parte do ensaio, uma vez que conclui-se a importância desta primeira relação para que se possibilite um endereçamento ao pai. A ligação mãe e filha é caracterizada tanto pela atividade quanto pela passividade. A primeira experiência sexual da mamada tem um caráter predominantemente passivo assim, como os outros cuidados de alimentação, vestimenta, higiene. Em um segundo momento ocorre uma passagem como um sugamento ativo: interiorizadas as primeiras experiências prazerosas, a criança age por obter novas vivências de satisfação; e posteriormente, atua sobre o ambiente externo como uma forma de organização de uma frágil unidade. Assim, comumente se observa de meninas que no plano simbólico trocam de local com a mãe e lhe dizem “Vamos brincar que eu sou a mãe e você é a filha”. O cuidado que tem-se com o outro é entendido pelo autor como o caráter ativo da feminilidade, sendo que a maternidade ocupa grande parte. Essa alternância de posições é observada não apenas em brincadeiras, mas em fantasias de caráter orais, sádicas e fálicas.

O afastamento da mãe trata mais do que de uma mudança de um objeto, mas um abandono da atividade que caracteriza a dúbia relação com a mãe: é pela passividade que aproxima-se do seu pai e pela passividade que é possível encontrar caminhos em direção à feminilidade. E disto que o texto, “A feminilidade” (1933) se ocupa.

Em 1933 Freud realizou uma série de conferências com o objetivo de atualizar seu estudo do inconsciente após o transcorrer dos seus estudos. Introduz a presente conferência afirmando o mistério da feminilidade, do qual nem os homens e nem as mulheres escapam. A pergunta “O que é um homem ou uma mulher”, diz Freud, não pode ser respondida pela diferença anátomo orgânica, embora esta seja uma resposta habitual. Também não pode-se pensar no masculino e no feminino como qualidades mentais, uma nova convenção não cabível, como já dizia nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905).

E por fim, a distinção de masculinidade e feminilidade enquanto atividade e passividade também não se sustenta, entendido a atividade que se faz necessária para que

uma mãe crie uma criança. Nem mesmo um entendimento da feminilidade como uma preferência à passividade se sustenta, uma vez que para se adornar-se de passividade para ser conquistada implica em atividade; acrescenta ainda que a supressão da agressividade nas mulheres decorre de uma imposição social a respeito da construção de uma concepção de docilidade feminina. Freud passa seus primeiros momentos sobre a feminilidade dizendo o que ela não é. E diz ainda ser impossível para a psicanálise solucionar o mistério que uma mulher lhes apresenta. Como uma mulher se forma parece uma tarefa possível, e sobre isso que se propõe a discutir.

Inicia-se a investigação do desenvolvimento sexual da mulher pela comparação com o percurso atravessado pelo homem, sendo que a menina atravessa algumas etapas extras. No início é muito semelhante o que meninos e meninas vivem. Ao dizer das diferenças, aponta a forma como espera-se e cuida-se de meninas de forma diferente, de modo que uma docilidade inata pode ser explicada a partir de uma expectativa social; a agressividade, característica principalmente da fase sádico-anal, se manifesta cotidianamente nas brincadeiras observadas em análise. Com o ingresso na fase fálica do investimento libidinal que as diferenças tomam maiores proporções. O clitóris é novamente mencionado dentro do contexto fálico equiparado ao pênis, principalmente no que diz respeito à masturbação. Dessa forma, a menina tem de mudar de zona erógena - do clitóris à vagina - e mudar de escolha de objeto - da mãe para o pai -, enquanto o menino mantém ambos.

O redirecionamento do amor ao pai também é caracterizado por uma emergente hostilidade direcionada a mãe: "(...) a vinculação à mãe termina em ódio" (Freud, 1933, p. 82), diz o autor. À mãe é dirigida uma lista de longas acusações e queixas, principalmente no que diz respeito a constatação de sua castração. Uma dessas acusações seria a insuficiência de amamentação, porque a mãe não podia ou não desejou, que menina imagina ser responsável por seu órgão ser da forma que é. O complexo de castração nas meninas também se inicia com o vislumbre da diferença localizada no outro; sentem-se injustiçadas, malquistas. Freud aponta que essa insatisfação com sua condição pode perdurar para além dos anos infantis, e ser uma das razões que levam as mulheres a buscar a análise. E prossegue o autor (1933):

A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à

feminilidade normal. Temos aprendido uma quantidade considerável, embora não tudo, a respeito das três (Freud, 1933, p.85).

Estes caminhos já tinham sido indicados pelo autor no texto “Sexualidade Feminina” (1931); mas alguns acréscimos são feitos. A percepção de que a sua própria mãe é castrada e não lhe pode dar o que falo também constituem as fantasias infantis. Em um primeiro momento, a menina considera sua castração um infortúnio pessoal, e aos poucos percebe ser uma condição das outras mulheres, inclusive sua mãe. Podemos apontar que neste momento fala-se de uma unidade das mulheres que é percebida pela menina: não tem tudo. Essa realização, no entanto, pode invocar afetos auto-recriminatórios. Um dos caminhos da feminilidade seria, portanto, a desvalorização do sexo feminino, semelhante à recriminação proveniente dos meninos e dos homens ao outro gênero.

O último caminho possível, a feminilidade “normal”, é pensada num contexto de uma transferência simbólica do falo ao bebê. De acordo com o autor:

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica (Freud, 1933, p.87).

Assim, a menina realiza que seu pai tem algo que a sua mãe não possui e deseja-o por isso; a feminilidade ocorreria no desejo por um bebê-falo que permite que a mulher se invista em outras relações não-incestuosas. Na equivalência simbólica mencionada pelo autor, observa-se como as brincadeiras adquirem outros contornos: não brinca que era a mamãe e sua mãe, a filhinha; brinca que tem um bebê de seu pai. Esse desejo de um pênis-bebê inaugura a situação da menina no complexo de Édipo.

O autor trás a tona a questão da homossexualidade feminina, e indica como esta dificilmente trata de uma continuidade de uma masculinidade infantil, uma vez que independente da escolha de objeto realizada, é necessário passar por essa fase de amar o pai pelo o que ele pode lhe dar para entrar e concluir a configuração edípica. Uma menina, mesmo que homossexual, está destinada a tornar-se mulheres, e sua forma de amar parece dizer mais sobre as relações com outras mulheres e à reprodução de vivências entre mãe e bebê que uma renúncia propriamente ao homem.

A bissexualidade é novamente apontada na constituição da feminilidade, sendo esta uma das origens do enigma do que é uma mulher; bissexualidade esta, presente em todos

os seres humanos. A sexualidade é tomada da polaridade masculino-feminino, não sendo possível dizer a libido enquanto uma energia masculina. Como mencionado anteriormente, mesmo a passividade de seduzir tem atividade em si, não podendo fazer uma equivalência entre passividade/atividade e feminilidade/masculinidade.

Freud finaliza o seu texto constatando que o que compartilhava era incompleto, fragmentado, ou mesmo desagradável. “Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual” (Freud, 1933, p.91), lembra o autor, apontando que as mulheres podem ser criaturas humanas em muitos outros aspectos. Freud não diz tudo sobre as mulheres, e não poderia fazê-lo; as mulheres, as pessoas, as palavras são essencialmente faltosas.

### 3. Considerações Finais

As mulheres acompanham Freud desde suas primeiras elaborações a respeito daquilo que dizemos de outro lugar. Se em um primeiro momento tiveram papéis protagonistas com a inauguração da psicanálise pelo estudo da histeria, podemos identificar na obra freudiana o padrão de tomar o homem, a masculinidade, o menino, a heterossexualidade para pensar textos diversos que se propunham a teorizar de uma experiência sexual humana. As mulheres e a feminilidade eram invocadas em caráter comparativo de uma experiência entendida como universal.

Autores posteriores, como Kehl (2008) em seu livro "*Os deslocamentos do feminino*" (2008), propõem uma nova visão da feminilidade; não tentando defini-la - Freud já havia apontado esta impossibilidade em 1933 - mas entender o tornar-se mulher a partir de uma compreensão outra a respeito da castração.

Percebe-se no caminho apresentado que um dos lugares que Freud utiliza para falar da diferença é a diferença encarnada, o pênis e o clitóris. Muito da construção da feminilidade decorre de uma equivalência entre os dois órgãos e uma necessária renúncia de um prazer clitoridiano. Não é possível abandonar o corpo, sendo ele destino e as pulsões conceito limite entre o corporal e o psíquico, mas nossa concepção sobre a sexualidade humana se empobrece se não avançarmos a uma compreensão simbólica dos complexos e das fantasias criadas.

Assim, mostra-se interessante uma ampliação do conceito de castração em seu caráter ontológico, da marcação de uma condição humana e desejante. É possível identificar algumas dessas ideias no texto freudiano, principalmente no que diz da necessidade da passagem do complexo de Édipo para a entrada na cultura e na forma

como a perversão implica um não reconhecimento da castração do corpo materno. Está semeado, também, o entendimento de que a mulher é castrada não apenas porque ela não possui o pênis, mas porque ela mesmo é marcada pela castração.

Tais atualizações são realizadas principalmente na tradição da psicanálise francesa, por Jacques Lacan e Françoise Dolto; esta última, utiliza-se de um conceito interessante, a castração simbólica, para tratar da castração em diversos momentos do desenvolvimento infantil, cada castração implicando uma renúncia, mas também tendo por consequência um fruto humanizante: com a castração oral, o desmame, seria possível que a criança se comunicasse de outra forma com a mãe e com o mundo; a castração anal, o desfralde, implica um maior domínio do corpo e a possibilidade da marcha. Infelizmente não foi possível, no texto presente, percorrer estes textos ou então realizar uma correlação com o período histórico no qual o trabalho freudiano se desenvolveu. Assim, pode-se dizer que os objetivos da monografia foram parcialmente atingidos. Estes outros aspectos podem ser abordados em pesquisas futuras, tendo como foco uma interpretação moderna da castração e da feminilidade.

No entanto, foi possível apresentar de maneira sistematizada o modo que evolui na obra freudiana a concepção de feminino e feminilidade, finalizando-se por uma não-conclusão e uma não-definição.

#### 4. Referências

- ALONSO, S. *O tempo, a escuta, o feminino*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- ANDRE, Serge. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- CAMPOS, Érico Bruno Viana Campos. Pesquisa Qualitativa e o Método Psicanalítico. In: *Anais da Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia - Pesquisa Qualitativa na Saúde Mental: perspectivas psicanalíticas e fenomenológicas*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Psicologia: PUC Campinas, 2008. p. 153-160.
- CAMPOS, Érico Bruno Viana Campos; COELHO Jr., Nelson Ernesto. Incidências da Hermenêutica para a Metodologia da Pesquisa Teórica em Psicanálise. *Estudos de Psicologia*, v. 27, p. 247-257, 2010
- DUBA, Cristina. Feminino e o feminismo - Notas sobre Simone de Beauvoir e J. Lacan in: ANTELO, Marcela (org). *Mulheres de Hoje - figuras do feminino no discurso analítico*. Petrópolis, KBR: 2012.
- FREUD, Sigmund. (1896) *Carta 69 in: Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess: 1950*, vol II, Imago.

FREUD, Sigmund. (1897) *Carta 75 in: Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess: 1950*, vol II, Imago.

FREUD, Sigmund. (1900) *A Interpretação dos Sonhos*. vol IV, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. vol VII, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1908) *Teoria sexual das crianças*. vol X, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1909) *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos*. vol X, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1913) *Totem e tabu*. vol XIII, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1919a) *Contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*. vol XVII, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1919b) *Uma criança é espancada*. vol XVII, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1923a) *O ego e o id*, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1923b) *A organização genital infantil*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1924) *A dissolução do complexo de Édipo*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1925) *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1931) *A Sexualidade Feminina*, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1933). *Feminilidade*, Conferência XXXIII, vol. XXII, Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund. (1939). *Moisés e o monoteísmo*, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago.

GREEN, André. *O complexo de castração*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

GUÉLLER, Adela Stoppel de; CROMBERG, Renata Udler. (2009) Quando não se pode mais esquecer: C.G. Jung e Sabina Spielrein nos primórdios da psicanálise com crianças. *Percurso*. v.22. São Paulo. 2009.

KEHL, Maria Rita Bicalho. *Os deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 1997. 280 f. Tese (Doutorado em Psicologia). PUC/SP.

POMMIER, Gerard. (1985). *A exceção feminina*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

RIVIÈREi, Joan. (1929) La feminité en tant que mascarade. In: Hamon, M. C. *Feminité mascarade*. Paris: Seuil, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.